

A Laranja Mecânica revisada

Rosalia de Angelo Scorsi
Doutoranda da Faculdade de Educação - Unicamp
Pesquisad. do Lab. Est. Audiovisuais OLHO - Unicamp

O cinema, com seu poder de realidade em imagens e sons fixarem-se aos olhos e ouvidos de quem assiste, multiplicou o interesse pelo livro de Anthony Burgess, nove anos depois deste ter sido publicado. A edição de bolso de A LARANJA MECÂNICA, segundo palavras do autor ao mesmo tempo grato e ressentido da interferência do cinema sobre a literatura, vendeu mais de 1 milhão de cópias nos Estados Unidos depois da tradução para o cinema pelas mãos, olhos e ouvidos de Stanley Kubrick, em 1971.

Livro e filme, então, tiveram seu apogeu e serviram como instrumento de trabalho a educadores e psicólogos. Os primeiros, puderam, entre outras coisas, refletir sobre as conseqüências da penetração técnica em nossas sociedades, emblematizada no personagem Alex, vítima e algoz, vivendo o inferno da pura maldade, antes, e depois, o inferno da pura bondade: transformado que foi numa espécie de “*maquineta capaz de fazer somente o bem*”, quando submetido ao programa de Tratamento de Reaproveitamento imposto pelo Estado para eliminar a delinqüência. Psicólogos puderam tematizar tanto a corrente da psicologia científica behaviorista, sobre a importância de uma psicofisiologia e a influência do meio ambiente, quanto a psicologia experimental pavloviana, com ênfase nos reflexos condicionados ou ainda pensar o personagem Alex como símbolo do inconsciente humano em puro estado natural.

Mais uma vez o cinema parece reabrir o interesse pelo livro e pela história de Alex, situada num futuro não especificado. A morte recente de Kubrick instigou o desejo de Steven Spielberg e George Lucas de o homenagearem com o remake de LARANJA MECÂNICA. Na refilmagem, a ação, que se passa em uma Londres surreal no original, seria transferida para a Califórnia.

A LARANJA MECÂNICA é uma trágica comédia de horror criada com ironia lacerante que expõe na ultraviolência de Alex e seus parceiros de *horrorshow* (palavra que na linguagem *nadsat* dos jovens delinqüentes significa um show de horror ou um ato cruel prazeroso) a perda de humanidade do homem desprovido da liberdade de escolha entre bem e mal, quando um ódio entranhado pelas instituições, pela vida organizada, pelas palavras homologadas pelo poder, impelem a um comportamento desarrazoado. Não se trata de um agir justificado por razões políticas ou ideológicas. Sem razões ou explicações, e isto é o que choca, as ações são desprovidas de razão. Razões de um *Clockwork Orange*, expressão da gíria inglesa

cockney, que nomeia o desajustado/agressivo social – para nós, o tipo “porra-louca”.

Alex e seus *drugues* (amigos) diferenciam-se pela linguagem utilizada pelo grupo, o que ocorre na poliglota de termos da linguagem *nadsat* (no glossário de palavras que fecha o livro foi traduzida como *adolescente*) – mistura de gírias, jargões, termos oriundos da língua russa, francesa e outras miscelâneas Gypsy, da Malásia e Alemanha. Como se desterrados de uma língua nacional, unificadora ficassem desobrigados a civilizarem-se. O discurso parece mover-se numa zona zero de sensibilização. Como se a linguagem utilizada pelos *drugues* instaurasse esse modo de ser e nessa desarticulação lingüística desaparecessem os sentidos, imersos na miscelânea da linguagem *nadsat*, fora do poder regulador da linguagem oficial. Que ou quem regularia Alex e seu grupo, parece indagar a narrativa.

Temos de considerar, entretanto, que Alex é motivado pela audição dos fortes acordes sonoros de Beethoven, Mozart, Haendel e outros músicos que tão bem sorve e conhece de cor. Mergulhado nos movimentos sinfônicos a linguagem de Alex se vitaliza e seu corpo se apaixona: *“Os trombones mastigavam ouro debaixo da minha cama, por detrás do meu gúliwer (cabeça), os trompetes lançavam chamas de prata em três direções e lá, perto da porta, os tímpanos rolavam por dentro de minhas tripas e tornavam a sair, mastigados como um torrão de trovão. E então, como um pássaro do mais raro tecido de metal celeste, ou como vinho prateado escorrendo numa espaçonave, a gravidade transformada agora em absurdo, veio o solo de violino, por sobre todas as outras cordas, e essas cordas eram como que uma gaiola de seda em volta de minha cama.”* Porém, a música desperta a sua dimensão demoníaca.

A narrativa em primeira pessoa do jovem Alex nos conta, na primeira parte do livro, sua liderança e seu programa de ação nas madrugadas até o amanhecer, descrevendo cada assalto, cada assassinato pormenorizadamente e com a indiferença semelhante ao funcionamento de um relógio cuja função é passar o tempo. Eis o início da narrativa:

“— Qual vai ser o programa, hein?”

Tinha eu, quer dizer, Alex e meus três drugues, quer dizer, Pete, Georgie e o Tapado, o Tapado sendo realmente tapado, e nós estávamos sentados no Leite-bar Korova, rassudocando o que fazer na noite, num inverno agitado, preto e gelado, uma merda, se bem que seco. O Leite-bar Korova era um méssito de tomar leite-com, e vós, ó meus irmãos, já podem ter se esquecido como eram aqueles méssitos, com as coisas mudando tão escorre e todo mundo muito rápido pra esquecer, os jornais também não muito lidos.”

Rassudocar = imaginar

Méssito = local

Escorre = rápido

Na segunda parte, colhemos Alex já há dois anos na prisão, depois de condenado a quatorze anos de prisão. Novamente a pergunta recorrente em todo texto inicia essa segunda parte de sua vida:

“— Qual vai ser o programa, hein?”

Reinício agora, e esta é a parte realmente chorosa e assim trágica da história que está começando, meus irmãos e únicos amigos, na Prisesta (quer dizer, Prisão Estatal) número 84-F. Vocês não vão querer esluchar toda a queleuta e horrível rascadze do choque que deixou meu pai brandindo rúqueres machucados e croventos assim contra o injusto Bog dos Céus e minha mãe abrindo a rote num aiiiii aiiiii na sua dor de mãe porque o seu filho, o único do seu ventre, tinha deixado todo mundo na mão muito horrorsbom.”

Esluchar = escutar Quel = merda Rascadze = história Rúquer = braço Crove = sangue Rote = boca
--

Depois de ter sido responsabilizado pela morte de um companheiro de cela, Alex é conduzido para o local onde seria submetido ao tratamento de reabilitação que consistiria em estirpar seu reflexo criminoso. Lá, na sala do Dr. Brodsky, submetidos a intermináveis sessões de choque de cinema, obrigado a olhar para a tela à sua frente, onde eram projetados shows de horrores, ao som de uma música dissonante ou patética, é ali que Alex começa a se deixar penetrar o corpo pelas imagens sangrentas projetadas na tela. Imagens que lhe eram muito familiar em sua prática noturna e para as quais, no entanto, olhava com indiferença. A reprodução técnica dessas mesmas imagens, agora, o sensibiliza. Então, a náusea, provocada pela dor do outro, começa a remoer-lhe o corpo. O ingresso de Alex ao mundo sentimentalizado se faz pela náusea. Náusea nascida da visão/audição de imagens dos filmes que é obrigado a ver. Se, na primeira parte do livro, a motivação demoníaca de Alex se dá pela audição musical, aqui, é a imagem visual misturada com a sonora que desmorona seu passado.

Alex assim reflete frente às imagens de crueldade que o cinema mostra:

“É engraçado como as cores assim do mundo real só parecem realmente reais quando a gente vidadeia (vê) elas na tela.”

“(...) uma música muito patética e trágica tocando ao mesmo tempo. Aquilo era real, muito real, se bem que, pensando bem, não se podia imaginar liudes (pessoas) simplesmente concordando com que lhes fizessem tudo aquilo num filme e, se esses filmes foram feitos pelo Bem do Estado, não se podia imaginar que tivessem permissão para fazer assim as tomadas sem interferir no que estava acontecendo. Portanto, deve ter sido muita habilidade no que eles chamam corte, ou montagem ou qualquer vésicbe (coisa) assim. Porque era muito real.”

Dá para frente sabemos o destino de Alex, condenado a respostas corporais de crises de náusea e vômitos, cada vez que se aproxima de qualquer imagem de crueldade, a mais insignificante que seja. Alex liberto da pura maldade segue seu destino de homem socialmente regulado pronto a constituir uma família e procriar.

Como vimos, não é a linguagem oral/escrita que assenta Alex na regularidade social. Outra, na linguagem escrita da realidade do cinema, produzida com a arte dos cortes e montagem, como nota o próprio Alex, é que ocorre seu enquadramento.

Entre tantos temas que Anthony Burgess aborda em seu livro, um deles, com certeza, nos fala de forma alegórica da poderosa força de penetração de imagens, quando tempo em movimento enquadrado no fotograma e narrado pela arte cinematográfica.